

## **Identity and Representation: social justice and community building through the Museums of the Person**

Thom Gillespie, Indiana University, USA

Karen Worcman, Museum of the Person, Brazil

Philip B. Stafford, Indiana Institute on Disability and Community, USA

Pedro Henriques, Universidade do Minho, Portugal

Jean-François LeClerc, Centre d'histoire de Montreal, Canada

**Session:** User Content: Projects

Joselita Cardoso nasceu na Bahia em 1960. Seu pai, nascido em Pernambuco era agricultor, e sua mãe, nascida na Bahia, era dona de casa. Os pais se conheceram em Salvador, onde o pai migrou em busca de melhores condições de vida, passando a fazer trabalhos ocasionais como ajudante em oficina mecânica. Quando Joselita tinha 13 anos, sua mãe, que sofria do coração morreu repentinamente e ela e o irmão ficaram com o pai que passou a beber e beber. Quando tinha 17 anos, seu pai decidiu mudar-se para Recife. Lá, ela decidiu entrar em um ônibus e voltar em segredo para a Bahia, onde passou a morar com sua vizinha. Com 20 anos casou e teve sua primeira filha. Quando estava grávida do segundo filho, seu marido foi atropelado e quando foi reconhecer o corpo, deparou-se com o corpo do marido e do pai no mesmo lugar no necrotério. Diz ela: *“Eu fiquei apática. Eu não comia, eu não bebia, eu só tomava café. Eu só fazia tomar café e fumar”*. Onze meses depois, Joselita perdia seu segundo filho, ainda bebê.

Desentendendo-se com a família do esposo, Joselita saiu da casa de seu marido e, vivendo de favores, acabou por ir viver e trabalhar no lixão de Salvador, onde, junto com a filha trabalhou por vários anos. Lá recasou e, ainda no lixão, teve mais 4 filhos, só um deles no hospital, pois, segundo ela: *“Eu trabalhei até de noite no lixão e quando senti as dores e cheguei no hospital, eu ainda estava toda suja e cheirando a lixo. As freiras me olharam e pensaram que eu era mendiga. Não esqueço aquele olhar. Eu disse, eu trabalho, não sou mendiga não. Depois disso nunca mais fui ao hospital, tive todos meus outros filhos em casa... não me senti bem lá”*.

Após a desativação do lixão de Salvador, em 2000, uma organização não governamental ajudou os catadores a fundar uma cooperativa de material reciclado. Quatro anos depois, com cinco filhos e duas netas, hoje Joselita é líder da cooperativa de catadores de material reciclável em Salvador, uma cooperativa que reúne 50 catadores de Salvador e integra o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis no Brasil. A atividade da reciclagem mobiliza mais de 600 mil pessoas em todo o Brasil e faz do país um dos campeões em reciclagem no mundo.

Joselita ri: *“Meu sonho? É trabalhar na organização da cooperativa para transformar as pessoas numa nova categoria de profissional. Porque quanto mais a gente for conseguindo trazer esses nossos companheiros que estão lá na rua, mais a categoria vai se fortalecendo e aí vai crescendo a coisa e vai valorizando”*. *“O que mudou na minha vida depois do movimento? Não me sinto mais o lixo da sociedade”*.

Essa história foi gravada no Museu da Pessoa em 18 de dezembro de 2004 como parte de um projeto piloto entre o Museu da Pessoa e o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis com o apoio da Avina. Quando o líder do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis conheceu o trabalho desenvolvido pelo Museu da Pessoa seus olhos brilharam. Tendo como premissa garantir que toda e qualquer pessoa possa fazer parte da memória social e a de que essas histórias são, podem e devem ser utilizadas como informação para revermos nossa construção da História e nossa forma de rever as relações em nossa sociedade, o trabalho efetuado pelo Museu da Pessoa foi de encontro às necessidades do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. Ex- alcoólatra, catador de papel há vários anos e fundador de uma cooperativa de materiais recicláveis na cidade de Poá, na Grande São Paulo, Roberto Laureano da Rocha disse: “*É exatamente isso que precisamos. Precisamos que os catadores entendam que não são lixo, inspirem-se em nossas histórias, mobilizem-se e reafirmem seu papel na sociedade. Vamos gravar histórias, vamos fazer um documentário, vamos contar para nós próprios e para o resto da sociedade quem somos*”. Essa parceria apenas se iniciou, mas essa história carrega na essência a proposta que norteou a criação e desenvolvimento do Museu da Pessoa, fundado em São Paulo em 1991: como fazer que outras Joselitas tenham a possibilidade de narrar, preservar e, sobretudo, transmitir sua história? Como fazer com que essa história sirva para revermos os preconceitos que temos, como fazer com que essa e outras histórias ajudem na mobilização e articulação dos catadores na nossa sociedade e, como, essas e outras histórias, sejam consideradas como parte de nosso patrimônio intangível e, ao mesmo tempo em que ao formar a identidade do brasileiro hoje, toquem os valores universais da humanidade?

O Museu da Pessoa acredita que promover a construção de uma memória social aberta à narrativa de pessoas de todos os segmentos da sociedade e atuar para disseminar essa memória constituem ações essenciais para contribuir com a construção de uma sociedade democrática e baseada no respeito pelo outro. Esta posição fundamenta-se em algumas premissas conceituais:

1. Toda história de vida tem valor e deve fazer parte da memória social;
2. Ouvir o outro é essencial para respeitá-lo e interagir como par.

Antes da popularização da Internet, acreditávamos que, organizadas em CD-ROM's, narrativas de pessoas comuns eram importante fonte de informação e deveriam constituir um acervo significativo que ajudasse a repensar os paradigmas de valor que norteiam as construções simbólicas em nossa sociedade. Nesse sentido, Thompson e Slim (1993) destacam a importância dos registros orais para a promoção das mudanças sociais “*Whatever the outcome, it is important that the process of listening does eventually result in acknowledgement and action, and that those who have given up their time to talk, know that their words have been taken seriously. This notion of applied oral testimony is what gives the listening process a particular relevance to development and differentiates it from a purely academic study.*”

Mas por que Museus da Pessoa? O que caracteriza nossas atividades para que a denominemos museus, e, mais precisamente, museus virtuais? Por que não optamos por centros de memória ou meros arquivos de história oral? Um museu de história de pessoas é

um museu cujos objetos museológicos são as próprias histórias e visão de mundo dessas pessoas, pois a musealização das pessoas é a musealização de suas histórias de vida, de suas trajetórias pessoais. Partindo das premissas simbólicas que nortearam a construção e a função dos museus em nossa sociedade - um espaço de preservação dos símbolos (objetos, narrativas, artefatos) daquilo que elegemos “monumentos” de nossa memória e tendo como foco a perpetuação desses valores, onde “guardamos” aquilo que consideramos significativo, colecionamos nossas conquistas, nada mais substancial do que rever o que “guardamos”. A proposta do Museu da Pessoa pactua com as atividades básicas de um museu: constituição e preservação de um acervo, articulação deste acervo com vistas à reflexão social e cultural e ações museológicas, mais precisamente, ações voltadas para captação de depoimentos e de formação e mobilização de comunidades. No entanto, essa mesma visão implica na revisão de alguns paradigmas museológicos:

1. Ao invés de consolidar os “monumentos” simbólicos, sacraliza narrativas e objetos de pessoas comuns.
2. O papel do curador, do colecionador é trocado pelo papel de mediador, uma vez que o objetivo é estimular que pessoas e comunidades responsabilizem-se por registrar e organizar suas próprias memórias
3. Virtualizar o acervo sem ter necessariamente uma contrapartida física. O acervo é definição digital. As ações é que extrapolam o âmbito do digital.

Finalmente, a gestão das ações e dos acervos pressupõe uma gestão descentralizada, isto é, cada um dos núcleos de museus gere seu próprio acervo.

A gestão em rede de conteúdos produzidos pelas próprias pessoas, buscando o empoderamento das próprias comunidades, pessoas, escolas como potenciais produtores de conteúdos e usuários destes conteúdos, alinhando ações que transcendam cada um de nossas comunidades. Essas são premissas que substanciam a constituição e os desafios de todos os núcleos de Museus da Pessoa, sobretudo no que tange nossa atuação em rede. Para tal é interessante entender a trajetória e característica de cada um dos núcleos.

O Museu da Pessoa no Brasil, um museu virtual que desde 1997 é aberto na internet para que toda e qualquer pessoa envie sua história e que hoje tem parte de seu acervo já disponível na internet. Aliado à sua existência na internet, o Museu da Pessoa no Brasil desenvolveu, ao longo dos últimos 13 anos uma metodologia de história oral que permitiu a gravação de 4931 histórias de vida, além da produção de 4 museus temáticos, 20 livros, 18 documentários e 24 exposições. Desde o início o MP Brasil atuou de forma independente do Estado e da academia, utilizando a metodologia de história oral e o desenvolvimento de produtos culturais, pedagógicos e de comunicação como forma de captação de recursos. Em 2003, o Museu da Pessoa desenvolveu um novo portal com o objetivo de organizar em base de dados todos seus depoimentos, integrar os depoimentos que vêm pela Internet e permitir que usuários possam, além de enviar suas histórias, montar suas próprias exposições e coleções de histórias.

Em um país no qual apenas 7,23% da sociedade têm acesso à Internet, os desafios para disseminar os depoimentos são múltiplos. Neste sentido, foram desenvolvidas algumas iniciativas que transcendem à sua existência na internet. O Museu que Anda (cabines itinerantes de captação de depoimentos em vídeo), por exemplo, já percorreu todo o país registrando, em espaços públicos – metrô, praças, escolas e mesmo plataformas de

petróleo – depoimentos de pessoas. Por outro lado, a percepção de que cada pessoa é potencial produtor e multiplicador para a produção de memória, levou-nos a criar programas de formação para transferência da metodologia. O projeto Memória Local, por exemplo, que envolve professores, alunos e técnicos de Secretarias Municipais de Educação durante 3 anos às pessoas de comunidades, hoje é parte de currículos de História em algumas cidades. O projeto - baseado em 3 pilares – leitura e escrita, memória e inclusão digital, atua formando professores e coordenadores pedagógicos para –por meio de depoimentos, desenhos e desenhos- incentivar a construção pelas crianças de sua história, sua família, seu bairro e sua cidade. Muitas vezes, esse projeto representa a primeira vez que um professor ou uma criança utilizou o computador e ainda, por vezes, a oportunidade para que crianças produzam, pela primeira vez, seus próprios textos.

Uma outra experiência interessante desenvolvida no ano de 2004 em parceria com a Ashoka ([www.ashoka.org](http://www.ashoka.org)) foi a capacitação de líderes em organizações da sociedade civil. ( 9 instituições participaram durante um ano da formação, utilizando as ferramentas de coleção do portal do Museu da Pessoa.) Da memória de pacientes à capacitação de jovens em uma favela para promoverem entrevistas com idosos de sua comunidade, cada uma das instituições identificou um uso específico para a produção de memória, ao mesmo tempo em que se responsabilizou por captar, tratar histórias em sua comunidade. Neste sentido, o Museu da Pessoa do Brasil vêm caminhando para que, por meio de ações pró-ativas, promover o protagonismo e a inclusão das múltiplas narrativas em um acervo comum.

#### Núcleo Português do Museu da Pessoa

Inspirado na experiência, a partir um encontro no Museums and Web 99, nasce o núcleo do Museu da Pessoa em Portugal, ligado à Universidade do Minho. Oriundo do Departamento de Informática, o primeiro apelo foi a compreensão de que essas narrativas constituíam excelente fonte de informação. Mas, para que todas estas narrativas se transformem em informação e, depois de apreendidas, em sabedoria, é preciso catalogar e estruturar todo o acervo do Museu da Pessoa de forma a potenciar a sua exploração pelo leitor, seja ele um curioso ou um estudioso. Essa estrutura, não necessariamente rígida, começa dentro das histórias de vida, onde são aplicadas as técnicas de anotação de documentos, para organizar as histórias, identificar nomes de pessoas, contexto histórico, datas importantes, episódios, etc. Só deste modo se pode ambicionar que alguém tire partido deste acervo; se for somente um repositório de histórias será como uma reserva técnica de um museu, cheio de coisas interessantes, mas inacessível.

Mas o núcleo português não se interessou somente pelas questões técnicas. Também quis passar por todo um processo de constituição de uma equipa que desenvolvesse projectos de memória. Esta experiência é fundamental para perceber melhor o alcance do Museu da Pessoa. Realce-se que muito ajudou o arranque deste núcleo a presença física da Karen, do José Santos, do Luiz Egipto e da Rosali em Portugal, ora realizando acções de formação concretas, ora ajudando a conceber os projectos de memória.

Em seguida, surgem duas novas experiências. O núcleo do MP nos EUA inspirado nos mesmas premissas nasce dentro da Universidade de Indiana, em Bloomington. Com o foco no trabalho de recolha de depoimentos.... (descrever EUA)

E finalmente, ligado ao Centre d'Histoires de Montreal, o Canadá cria seu núcleo em 2001 hoje atuando com xxxx pessoas. (descrever Canadá)

Com experiências diferentes, alinhadas à origem e ao local de seu nascimento e decorrentes do contexto de cada equipe e país, hoje os núcleos do Museu da Pessoa têm como principal desafio a construção de fato de uma rede que, de forma conjunta, consiga:

1. Expandir-se e ampliar o âmbito da ação desenvolvida em cada país;
2. Provocar novas iniciativas;
3. Conectar as informações produzidas;
4. Alinhar as ações de forma conjunta, permitindo o uso global das histórias de vida.

A premissa de que a rede esteja baseada em núcleos locais de Museus da Pessoa fundamenta-se na percepção de que o processo de captação é uma ação essencialmente presencial e, apesar de global, tem forte influência das culturas e processos locais. A identidade de cada pessoa e a percepção dos conjuntos culturais que segmentam cada uma das sociedades deriva de uma empatia entre produtores e receptores e isso norteia o Museu da Pessoa em cada local. No entanto, para que essas histórias, organizadas de forma descentralizadas, consigam transpor suas fronteiras é importante que os núcleos superem os desafios de comunicação. Além da partilha e integração de conteúdos é necessário partilhar experiências, melhorar e adaptar os aspectos metodológicos, desenvolver e reforçar uma identidade própria associada à marca de Museu da Pessoa. Embora a Rede dos Museu da Pessoa não se possa comparar a uma multi-nacional em termos de objectivos económicos, é análoga a uma destas que seja obrigada a desenvolver produtos adaptados a cada umas das regiões onde opera; tem que ter núcleos regionais que desenvolvam os produtos mais adequados à comunidade que os rodeia, mas tem que partilhar metodologias, experiências, postura institucional, etc, comuns a toda a empresa mãe.

À medida que vai amadurecendo uma ideia de como se deve construir esta rede de Museus da Pessoa, parece-nos claro que passa por dois aspectos principais:

1. Gestão em rede que permita a independência de cada um dos núcleos ao mesmo tempo em que reúna os esforços frente a desafios comuns;
2. Definição de ações que foquem o uso do conteúdo produzido: que potencializem o acervo de forma a integrar ações voltadas para educação, formação de opinião e influências em políticas públicas.

Destes, deriva um desafio tecnológico que consiste em possibilitar o uso do acervo nas mais variadas ações, junto de uma grande diversidade de públicos, que ultrapassam as fronteiras de cada um dos núcleos. É importante que a história de uma Joselita possa ser cruzada com tantas outras histórias de todo o mundo, e que possa servir para despertar vontades e desejos de mudança. Eventualmente é preciso dar algumas chaves de leitura, para quem não entender os códigos utilizados pela Joselita. Já o rosto da Joselita ou uma fotografia do lixão de Salvador, serão de mais fácil leitura, em qualquer sítio do mundo. Este desafio tecnológico tem que responder a questões como:

**Preservação dos conteúdos em suportes digitais.** Os suportes deterioram-se (as disquetes, as cassetes, etc) e precisam de ser substituídos de alguns em alguns anos. Os

formatos dos conteúdos podem-se tornar obsoletos em pouco tempo e os formatos proprietários podem ficar sem suporte de uma momento para o outro.

**Mecanismos de catalogação/anotação compatíveis.** Enquanto que a catalogação é mais ou menos passível de ser homogeneizada (mesmo assim, a comunidade dos museólogos diga se é assim tão fácil!), uniformizar o processo de anotação dos textos pelos pesquisadores dos diferentes núcleos, é uma tarefa complicada. Até porque, dentro de cada núcleo há histórias recolhidas no âmbito de projectos diferentes, com guiões diversos, e com exigências diferentes em termos de anotação.

Uma solução possível - já ensaiada, mas ainda não assumida - passa pela construção de thesaurus locais, que atendam às necessidades de cada núcleo, em primeiro lugar, depois, pela construção de correspondências entre os termos da cada núcleo/língua, de forma a possibilitar pesquisas sobre os conteúdos dos vários núcleos, pelo termo *casamento*, por exemplo, sabendo nós que o conceito tem significados diferentes de cultura para cultura.

**Integração de diferentes mídias.** Em termos tecnológicos, é cada vez mais viável a disponibilização de diferentes mídias na web. Dado que existem já centenas de horas de áudio e vídeo nos arquivos do MP, é necessário disponibilizá-los na íntegra ou em parte, criando a máxima sincronização possível entre o áudio, vídeo e fotos com as narrativas correspondentes.

**Mecanismos de tradução.** Os conteúdos do Museu da Pessoa, esquecendo tudo o resto, em termos linguísticos têm um grande valor. O áudio das histórias também é um documento muito rico, mas só os que falam a mesma língua podem captar estas particularidades. Para disponibilizar os conteúdos a um público mais alargado, permitindo que um canadiano possa ler uma história de um menino com uma perna amputada por causa de uma mina anti-pessoal, alguns mecanismos de tradução automática deverão ser experimentados.

**Museus virtuais: tirar partido dos mecanismos de personalização.** A Internet começa a ser, sem dúvida, o meio mais barato de chegar a toda a gente (embora inda hajam zonas do globo com acesso muito limitado). O desafio de publicar todos estes conteúdos na Internet passa pela criação de museus virtuais que explorem ao máximo a ausência das limitações físicas dos museus tradicionais, abertos 24 sobre 24 horas, 365 dias do ano. Terá que ser fácil mostrar exposições temáticas integrando os diferentes conteúdos que nos falam de uma certa polémica, tema ou acontecimento. Estes museus também terão de explorar ao máximo a possibilidade de guardar, para cada visitante, o percurso percorrido, as histórias lidas, os temas mais procurados, os interesses, etc, de forma a sugerir novos conteúdos sempre que o visitante entre no site e se identifica.

O resultado da soma desses esforços poderia ser avaliado na medida em que Joselitas de todo o mundo possam, de fato, ser protagonistas de suas histórias e que essas histórias, juntas, ajudem a mudar a organização de nossa sociedade global. Pois, como bem sinaliza Peter Burke (1992) “ *diz-se muitas vezes que a história é escrita pelos vencedores. Poderia também dizer-se que a história é esquecida pelos vencedores... Eu prefiro ver os historiadores como os guardiões de fatos incômodos, os esqueletos no armário da memória social...*”

Promover essas memórias a acervos consolidados de museus, organizados em redes virtuais de museus é, certamente potencializar a tecnologia disponível e ainda por vir em prol de

uma visão mais democrática de nossa sociedade. Essa é de fato a proposta que nos justifica e nos une, finalmente.

### Bibliography

BURKE, Peter. (1992) **A História como Memória Social**. In: O Mundo como Teatro: estudos de antropologia histórica. Lisboa: Difel.

THOMPSON, Pet & SLIM, H. (1993). **Listening for a Change**: oral testimony and development. London: Panos Publication Ltda. (p.2)